

Caminhos editoriais e políticos: a tradução de *O Capital* no Brasil¹.

Fabiana Marchetti²

Resumo

A compreensão histórica da difusão das ideias de Marx e Engels no Brasil passa pela identificação dos caminhos percorridos por suas obras, materialmente realizadas em material impresso, jornais e livros. Esse movimento está intrinsecamente ligado à tradição operária brasileira e às suas organizações, corroborando para a construção da história intelectual do país, pois em diferentes conjunturas, o marxismo se apresenta como uma teoria para a compreensão e transformação da sociedade em geral.

O Capital chegou até nós como parte de diferentes períodos de articulação do comunismo em nível mundial e das instituições forjadas especificamente para a circulação das obras de Marx e Engels. Esse contexto contou com a postura ativa de grupos, militantes, editores, tradutores e livreiros nacionais que souberam enfrentar as particularidades de nossa realidade política, de nosso mercado editorial e do público que deveria receber esses textos. Sendo assim, este artigo pretende resgatar características da recepção d'*O Capital* no Brasil, através de suas traduções, passando pelas diversas edições resumidas até chegarmos às suas versões completas na segunda metade do século XX.

Palavras-chave: História do Livro – Karl Marx – Friedrich Engels – Marxismo – Marxismo no Brasil

Editorial and political paths: the translation of *The Capital* in Brazil

Abstract

The diffusion of Marx and Engels' ideas in Brazil goes through the identification of the paths traveled by his works, materially realized in printed material, newspapers and books. This movement is intrinsically linked to the Brazilian workers tradition and its organizations, corroborating for the construction of the intellectual history of the country, because in different conjunctures, Marxism presents itself as a theory for the understanding and transformation of society in general.

The Capital came to us by way of different periods in the international communism articulation and their institutions, specifically created for the circulation of the works of Marx and Engels. This context had the active stance of national groups, militants, editors, translators and booksellers who knew how to face the particularities of our political reality, our publishing market and the public that should receive these texts. Thus, this article intends to recover features of the reception of *Capital* in Brazil, through its translations, since the summaries editions until arriving at their complete versions in the second half of the twentieth century.

Keywords: History of the Book – Karl Marx – Friedrich Engels – Marxism – Marxism in Brazil

¹ A elaboração deste artigo contou com o apoio do acervo da Biblioteca Edgard Carone, pertencente ao Museu Republicano da Universidade de São Paulo. Agradeço, especialmente, ao funcionário José Renato, com quem pude contar para o acesso de materiais à distância.

² Doutoranda em história econômica pela Universidade de São Paulo; possui financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP). E-mail para contato: fabi10marchetti@gmail.com.

A difusão e as apropriações das obras de Marx e Engels se deram de forma irregular ao longo do tempo e nas diversas partes do globo, adquirindo vida nas organizações e processos sociais que nela se inspiraram para construir um conjunto de teorias que hoje denominamos marxismo. O Brasil esteve inserido nesse movimento, especialmente a partir da Revolução Russa, de 1917, e a presente comunicação tem o objetivo de resgatar uma pequena parte desse processo, através dos caminhos e condições históricas que levaram à recepção de *O Capital*³, através de suas traduções em português. Sua trajetória pertence à história política e intelectual do país, revelando também aspectos gerais da divulgação da obra de Marx pelo mundo, e das disputas políticas em torno de sua potencialidade teórica e transformadora.

Na medida em que o marxismo passou a ser a base de agremiações políticas, essas foram movidas pela necessidade e responsabilidade de levar adiante seus princípios, e as discussões decorrentes de sua ação ao longo da história. Editar materiais impressos continuou sendo um caminho essencial da propaganda e difusão do marxismo. Segundo Edgard Carone, a II Internacional possibilitou um primeiro movimento de intercâmbio das traduções de Marx e Engels e “lançou as bases para a afirmação de sua doutrina”⁴. Contudo, é a produção de seus seguidores, filiados aos partidos socialistas, que será consumida pela massa popular. A partir daí, a “bagagem de tendência partidária”⁵ marcará a disseminação do marxismo pelo mundo.

Há indícios de que alguns textos de Marx e Engels já circulavam no Brasil do século XIX, especialmente através das correspondências de imigrantes europeus com seus conterrâneos⁶, mas seu uso e discussão mais assíduos só se farão depois de 1922 – com a fundação do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Ou seja, o marxismo entra de maneira sistemática no país após a Revolução Russa, sob a égide do marxismo-leninismo e da III Internacional. Essa situação não é exclusiva do Brasil, é uma realidade da América Latina

³ Karl Marx e Friedrich Engels, *O Capital. Crítica da Economia Política*. 1ª Edição, vols. 1 e 2, Livro I. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1968. O livro II, em um volume, foi publicado pela mesma editora em 1970, seguido pelos volumes 1 e 2, do livro III, no ano de 1973.

⁴ Edgard Carone. “O Marxismo no Brasil, das origens a 1964”. In: DEAECTO, M. e SECCO, L. (org.) *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. São Paulo, Xamã, 2004. p. 27. SECCO, Lincoln, *op. cit.*, sistematiza as diversas fases que Edgard Carone identifica ao longo de sua análise sobre o marxismo no Brasil. segundo o autor, temos que compreender esse processo em quatro conjunturas: A época de Marx, A Segunda Internacional, A Terceira Internacional e a Guerra Fria ou Policentrismo.

⁵ *ibidem*. Nota-se que para o autor não há um conteúdo pejorativo na afirmação acerca do caráter partidário da difusão do marxismo após a II Internacional.

⁶ *ibidem*.

em seu conjunto, com exceção da Argentina que possui uma precoce tradução de *O Capital* publicada em 1898⁷.

Sendo assim, a assimilação de Marx e Engels pelas organizações brasileiras se dá num franco processo de difusão do marxismo, para além de seus mestres-fundadores. A expansão geográfica e as novas dimensões políticas adquiridas por essa doutrina fazem com que ela se espalhe, cada vez mais, através de mediadores, fossem eles teóricos inovadores, intérpretes ou tradutores, o que não reduzia a importância de tornar mais acessíveis os textos originais: “As ideias de Marx encontraram difusão na pena de vulgarizadores. Mas eles tiveram que ler o próprio Marx.”⁸

Essa lógica se reproduzia em cada novo território atingido pelos ideais revolucionários. Mas esse movimento não era simples, como ainda não é. Em primeiro lugar, havia que se enfrentar a questão da densidade das obras, e como torna-las compreensíveis aos leitores, especialmente àqueles vindos das classes populares. Não menos importante era o cuidado com a realização das traduções em um número cada vez maior de línguas. Traduzir direto do alemão ou traduzir a partir de uma tradução. Desafios linguísticos interferiam no conteúdo, questão sempre revista na medida em que surgiam novas possibilidades de leitura e revisão dos documentos originais. O próprio Marx foi muito metucioso com a revisão de seu trabalho, fosse com os planos de publicação, como no caso dos escritos econômicos que deram origem a *O Capital*, ou com as traduções que pôde acompanhar, como no caso da primeira edição publicada na França.

Os primeiros discípulos de Marx no Brasil surgem na década de 1920, vindos da tradição anarcossindicalista que dominava as organizações da classe trabalhadora. Alguns deles possuíam formação intelectual que possibilitava a leitura em língua estrangeira, especialmente o francês que foi a matriz de difusão das obras de Marx e do marxismo no mundo latino. Mas essa realidade estava muito distante da massa popular que se pretendia

⁷ Carlos Marx, *El Capital : Crítica de la Economía Política*. Tomo I. Traducido de la cuarta edición alemana por Juan B. Justo. Madrid, Imprenta de F. Cao y D. del Val, 1898. Embora a edição tenha sido impressa em Madrid, SECCO, Lincoln, *op. cit.*, a caracteriza como sendo a primeira edição argentina e, de fato, a tradução e os cuidados da edição ficam a cargo de Juan B. Justo, um dos fundadores do Partido Socialista Argentino. Sobre a difusão de *O Capital* em castelhano ver: TARCUS, Horácio, “Traductores Y Editores De La “Biblia Del Proletariado, La suerte de El capital en el mundo hispano-americano (Primera Parte)”, *Memória: Revista Crítica Militante*, número 262, Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista, Ciudad de Mexico, 2017. O historiador acrescenta que a edição de J. B. Justo foi a primeira tradução, do original em língua alemã, traduzida para o espanhol, (p. 32). Disponível em: <http://revistamemoria.mx/wp-content/uploads/2017/07/Memoria-262-web.pdf>. Acesso 09/02/2019.

⁸ Lincoln Secco, “Notas para a história editorial de *O Capital*”, **Revista Novos Rumos**, Ano 17, edição nº 37. Marília, 2002. p. 44.

atingir para a construção de um partido revolucionário no país. A tradução passava a ser um problema *a priori* para o simples conhecimento e desenvolvimento das ideias marxistas em nível local.

Da fundação do PCB ao final dos anos 1930, a produção editorial marxista no Brasil pode ser vista como uma “ação artesanal”⁹, e nasce fortemente vinculada ao movimento editorial francês¹⁰, que esteve na vanguarda das primeiras traduções de *O Capital* que foram feitas em ritmo lento na própria Europa: ela sai na França, em fascículos entre 1872-1875, em 1872 na Rússia, em 1886 na Itália e em 1887 na Inglaterra. Os volumes seguintes só terão a primeira tradução no alvorece do século XX, em língua francesa – 1900, vol. II; 1902, vol. III. Dadas as dificuldades de acesso ao conteúdo da obra, nesse período, já existiam algumas versões resumidas de seu primeiro volume:

- 1879, feita por Carlo Cafiero. *Il Capitale di Carlos Marx. Brevemente Compendiato. Livro Primo. Sviluppo della Produzione Capitalista.* Milão, C. Bignami e C. Editore, 1879.
- 1883, feita por Gabriel Deville. *Le Capital de Karl Marx. Résumé et Accompagné d’un Aperçu sur Le Socialisme Scientifique,* Paris, Henri Oriol, 1883.
- 1894, feita por Paul Lafargue. *Le Capital. Extraits par Paul Lafargue.* Paris, Guillomin, 1894.
- 1897 2ª Ed. do resumo de Gabriel Deville.

Os resumos foram um caminho mais rápido e acessível para a circulação da economia¹¹ de Marx, e é assim que elas chegaram no Brasil. As versões resumidas de *O Capital* serão publicadas em português no início dos anos 1930, acompanhando as dificuldades da assimilação de obra tão complexa, as características de nosso parco público leitor e os limites da organização dos comunistas no país, pois, conforme constata Edgard Carone, o crescimento do partido, em suas primeiras décadas, não é acompanhado por uma

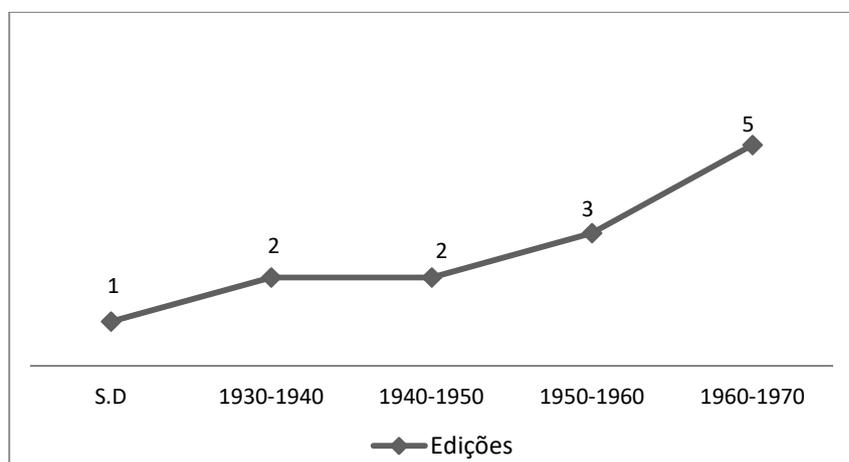
⁹ Edgard Carone, *op. cit.*, p.63.

¹⁰ *ibidem.* p. 39. É importante destacar que durante a II Guerra Mundial há uma suspensão no fluxo de livros europeus para o Brasil, assim como de outras mercadorias importadas. Desse modo, a matriz hispânica (vinda de México, Argentina e Chile) se torna preponderante, até pelo menos 1947. Sobre isso, ver: HALLEWELL, Laurence, *O Livro no Brasil, sua História.* São Paulo, Edusp, 2012. *passim.*

¹¹ A expressão é utilizada pelo próprio Marx no processo de redação do livro como menciona Lincoln Secco, *op. cit.*

política de edição nas mesmas proporções ¹². O Quadro 1 apresenta o quantitativo de edições da obra entre 1930-1970:

Resumos de *O Capital* no Brasil – 1930-1970



Ainda que as publicações brasileiras sejam tardias, a primeira notícia que encontramos sobre a presença de *O Capital* no Brasil data de 22 de novembro de 1912. É uma pequena nota no Jornal de Recife (figura 01) sobre o envio de um exemplar de Carlos Marx, pelo livreiro Manoel Nogueira de Souza, da Livraria Econômica¹³. Trata-se do resumo de Gabriel Deville, em edição portuguesa, lançada nesse mesmo ano por tradução de Albano de Moraes. As traduções de Marx em Portugal ficaram à margem do restante da Europa, não contribuindo para que seus textos chegassem até nós mais cedo, através de uma língua familiar. De todo modo, é a versão de Deville que será publicada pela primeira vez por uma editora brasileira, fato coerente com a ideia de que a referência de nosso mercado editorial vinha da França e coincidente com o movimento gerado no mundo lusófono europeu¹⁴.

Essa edição, a mais antiga que conseguimos rastrear, foi publicada no ano de 1931¹⁵, pela Editorial Moderna Paulistana (figura 2). A empresa não é citada nos principais estudos sobre história do livro no Brasil e não figura entre as editoras próximas ao PCB, sendo que no levantamento feito por Edgard Carone, *O Capital* foi a única edição marxista realizada por ela. Sabemos que a editora se situava à Rua Libero Badaró, 45, e

¹² Edgard Carone, *op. cit.*, p. 63.

¹³ Disponível em <http://memoria.bn.br/DocReader/705110/58076>; acesso em 06/12/2018.

¹⁴ Não foi possível cotejar a edição portuguesa.

¹⁵ O levantamento de Edgard Carone, em *O Marxismo no Brasil*, *op. cit.*, diz que a edição foi realizada no ano de 1934, contudo, a primeira notícia encontrada sobre ela é de 1931.

encontramos apenas algumas notas de jornal em A Gazeta¹⁶, entre as quais uma se refere à publicação do livro de Marx. A brochura é oriunda, como já dito, do resumo de Gabriel Deville, o tradutor não é indicado nas folhas de rosto e também não está associada a nenhuma coleção.

Em seguida, no ano de 1932, a Editora Unitas irá publicar a versão de Carlo Cafiero (figura 3), também em formato de bolso. A editora, fundada por Salvador Cosi Pintaúde, possuía relação com a Liga Comunista, que representava a Oposição de Esquerda no Brasil, da qual seu fundador era membro. Depois, ele se afasta da organização, mas continua próximo de um ativismo comunista em torno do PCB¹⁷. Podemos pensar os motivos que levaram a Unitas a escolher a versão de Cafiero, certamente, como a versão francesa já havia sido publicada pela Moderna, a de Cafiero guardava seu ineditismo para o mercado. Contudo, não é menor constatarmos que a edição do italiano possuía seu respaldo para uma editora militante, já que foi uma edição comentada e elogiada por Marx em troca de cartas com o autor, e do ponto de vista da popularização do marxismo entre a massa trabalhadora, a versão de Cafiero se apresenta de modo mais enxuto, como vimos anteriormente.

Se compararmos a apresentação dos livros e suas características físicas, veremos que ambas se apresentam em formato de bolso, com papel simples, conformando um modelo de livro popular. As capas são um pouco diferentes, já que a edição realizada pela Moderna Paulistana possui uma foto de Marx, sendo mais elaborada que a capa de fundo vermelha, exclusivamente textual da editora comunista. A editora Unitas vendia seus exemplares por quatro mil-réis¹⁸.

Na década seguinte, as duas versões resumidas de *O Capital* serão reeditadas. Mais uma vez, o resumo de Gabriel Deville sai na frente, publicado pela Edições Cultura (figura 4)¹⁹, em 1944. Um ano depois, a versão de Carlo Cafiero é publicada pela Publicações e Edições Brasil (Figuras 5 e 6). Ambas destacam na folha de rosto o fato de serem edições revisadas, possivelmente em referência às anteriores.

¹⁶ Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/763900/37418> ; acesso em 06/12/2018.

¹⁷ Daines Karepovs. “Gráfico Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos Anos 1930”. In: DEAECTO, M.M. e MOLLIER, J. Y. *Edição e Revolução. Leituras Comunistas no Brasil e na França*. p. 72.

¹⁸ Equivalente a R\$ 1,45, segundo tabela de conversão IPEADATA (http://ipeadata.gov.br/iframe_histmoedas.aspx, acesso em 06/12/2018).

¹⁹ Edições Cultura, não confundir com Editora Cultura Brasileira.

As duas novas edições saem em coleções das respectivas editoras. A primeira se chama Sociológica, com 100 títulos de autores variados - Aristóteles, Cícero Campanella, Comte, Guizot, entre outros –, incluindo também outros teóricos do marxismo: Engels, Lênin, Trotsky e Stálin. Os exemplares desta coleção possuem papel de melhor qualidade que as anteriores, com formato de 13x18 cm.

A segunda empresa publica *O Capital* na série Biblioteca Autores Célebres. Na orelha, os editores fazem questão de ressaltar o caráter eclético da coleção e de seu perfil editorial, qualificando o livro como de grande importância e “uma das mais discutidas teorias sociais, nesta época de evolução política e econômica”. Ainda que não tenhamos entrado a fundo na história das editoras em questão, é possível identificar que essas edições dialogam com um público instruído e buscam difundir um pensamento básico na área de filosofia, política e economia. Esta coleção mantém o formato popular de bolso, e é vendida por Cr\$ 13, em brochura, e Cr\$ 18, se encadernada²⁰.

Entre 1931 e 1945 o PCB passa por conjunturas políticas e sociais variadas: a Revolução de 1930 e seu período constitucional, até 1937, e o Estado Novo, até 1945, o que influencia em suas formas de organização e política editorial. De modo geral, constata-se que apesar dos longos períodos de ilegalidade e do fechamento do regime político, sua capacidade de influência política cresce, não apenas pelo aumento no número de militantes, mas pela conquista de simpatizantes:

O número de simpatizantes revela uma grande capacidade de organização de seu pequeno número de militantes, o que foi característica do partido durante toda sua história. Mas a influência é maior depois da Revolução de 1930 e durante a ANL. Ou seja, acompanha momentos de massificação política em geral²¹.

Diante disso, é interessante notar que três, das quatro edições de *O Capital* no período, tenham saído por editoras sem um vínculo explícito com o partido. Era comum que a organização mantivesse órgãos em nome de terceiros, mas também ocorria muito de editoras publicarem obras marxistas sem vínculos políticos²². De todas elas, a exceção da Unitas que era uma empresa explicitamente marxista, a Editora Cultura, responsável pela publicação de 1944, foi a que mais publicou títulos, alguns deles na mesma coleção de *O*

²⁰ Equivalente a R\$ 4,72 e R\$ 6,54, respectivamente, segundo tabela de conversão IPEADATA (http://ipeadata.gov.br/iframe_histmoedas.aspx, acesso em 06/12/2018).

²¹ Lincoln Secco, *A Batalha dos Livros*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2017, p. 99.

²² Edgard Carone, *op. cit.*, p. 65; Lincoln Secco, *ibidem*.

Capital e outras como Plekhanov, Gorki, Adoratski, Nin e o Código da Família da URSS²³. Segundo Carone, a publicação de Adoratski é o livro *Como Ler O Capital*, demonstrando sua preocupação com divulgação da obra e uma orientação acerca de seu conteúdo.

Independente, portanto, do grau de proximidade com o Partido Comunista, essa situação aponta para a influência de ação do PCB numa cultura de leituras políticas marxistas, evidentemente, dentro de um contexto mundial impactado pela existência do comunismo. Mas num país como o Brasil, em que as taxas de analfabetismo eram enormes e o acesso à educação formal muito restrito, o partido e suas organizações-irmãs funcionavam como espaços de formação que certamente influenciavam no acesso e interesses de leitura para um público amplo.

Aos poucos, o partido abandona aquela perspectiva “artesanal” de seus meios de publicação, profissionalizando a impressão de jornais e consolidando suas principais editoras, a Calvino e a Vitória, fundada em 1944. A Calvino publica 06 títulos de Marx, todos entre 1944 e 1946; a Vitória publica 13 títulos, que saem entre 1946 e 1963. Contudo, observa-se que ambas estarão mais preocupadas com livros de intérpretes e teóricos do marxismo, ou publicações da URSS. Esse tipo de obra predominava nas ações de formação da base do partido, como nos cursos internos, por exemplo. Ainda assim, parte de seus quadros e intelectuais se preocupavam com a leitura do velho Marx, mas alguns deles podiam fazê-lo em línguas estrangeiras, fato que talvez ajude a compreender alguns motivos pela chegada tardia de uma tradução completa de *O Capital*. Enquanto isso, os resumos irão circular com relativa intensidade no mundo editorial brasileiro.

Ao longo da década de 1950, encontramos duas reedições (1957 e 1958) da tradução de Carlo Cafiero, pela Publicações e Edições Brasil, que fará uma 4ª edição no ano de 1960 e a 5ª em 1962. Em termos de formato e apresentação todas se mantêm como livro de bolso, mas a capa se altera desde a terceira edição. No lugar da foto de Marx, temos uma capa de fundo vermelho e verde com inscrições tipográficas, autor, coleção e o título da obra em destaque (figura 7). Curiosamente, a última reedição será feita com outro conteúdo. O resumo de Cafiero é substituído pelo de Gabriel Deville. Na folha de rosto, a mudança é anotada, mas o vínculo com as publicações anteriores é mantido, com os dizeres: “5ª edição da obra. 1ª edição do novo original.” (figura 8). Talvez por estratégia

²³ Edgard Carone listou oito títulos marxistas publicados pela Edições Cultura entre 1931 e 1945. A referência da Coleção Sociológica, presente no livro em questão, cita pelo menos outros cinco autores marxistas, contudo sem listar os títulos editados.

editorial, pois o livro parece ter feito sucesso em seu catálogo, frente às sucessivas publicações, e com esses dizeres mantém-se um vínculo com as anteriores, ao mesmo tempo, indica-se uma novidade ao leitor, considerando ainda que na mesma folha, informa-se que a versão de Deville fora tutelada pelo próprio Marx, um referencial de legitimidade que não aparece nas anteriores.

A Edições e Publicações do Brasil foi, sem dúvida, a maior divulgadora d'*O Capital* durante todo o período que estamos investigando. Segundo o levantamento de Edgard Carone, a editora só teria publicado outras duas edições marxistas: *Código Soviético da URSS* (1933) e *Que é uma constituição?*, de Lassale (1933). A falta de elementos acerca da história desta empresa não nos permite fazer afirmações categóricas, mas as evidências às quais temos acesso demonstram que não se dedicava prioritariamente ao marxismo. Sendo assim, o livro de Marx provavelmente tenha sido uma obra muito bem recebida pelo público, seja pela notoriedade do autor, ou pela visibilidade alcançada pela coleção Biblioteca de Autores Célebres – provavelmente as duas coisas.

No ano de 1956, a Editora Progresso, uma das mais importantes casas da Bahia, também publica a versão resumida de Gabriel Deville (figura 9). A Progresso conseguiu construir um catálogo com cerca de 450 títulos entre 1944 e 1960, período em que foi dirigida por Manoel Pinto de Aguiar²⁴, aproximando-se da Universidade Federal da Bahia a partir de 1957 para realizar coedições. Esta parceria aproxima o espírito da editora de uma perspectiva de divulgação do conhecimento filosófico-científico no período, o que incluía o marxismo num tom de ecletismo que já se apresentava nas edições da Editorial Cultura e Edições e Publicações do Brasil. No entanto, dificilmente a edição da Progresso alcançou repercussão expressiva no cenário nacional, dado as dificuldades para a distribuição de livros no país.

Outras cinco publicações de resumos de *O Capital* nos anos 1960. Duas, já citadas, das Edições e Publicações Brasil, e outras três no fim da década, uma pela Editora Melso (1962, figura 10), outra pela Zahar (1967, figura 11) e pela Bruno Buccini Editor (1968, figura 12).

As publicações da Melso e da Bruno Buccini editor são reedições do resumo de Gabriel Deville. Segundo levantamento de Edgard Carone, a primeira editora possui outras

²⁴ Flávia Goulart Mota e Susane Santos de Barros. “Panorama da História da Editoração em Salvador/Bahia”. *I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004.

10 publicações marxistas, incluindo dois autores brasileiros: Agildo Barata e Moniz Bandeira; com isso podemos pensar em uma possível atuação próxima a organizações políticas da época. Com relação à segunda, há um fato curioso. Bruno Buccini começa a aparecer como representante da venda de livros no Rio de Janeiro a partir de 1947, e em 1949 já há referências de lançamentos de livros editados por ele. Em 1956, ele aparece em algumas reportagens que noticiam sua prisão como subversivo, por imprimir em sua gráfica o boletim clandestino “O Retorno”. Pelo noticiado seria um grupo de agitação crítico ao Marechal Lott, o nome do impresso seria uma ironia à frase do Marechal quando caracterizou sua ação como “um retorno à ordem democrática vigente”, em 11 de novembro de 1955, que garantiu a posse de JK e João Goulart. Certamente essa crítica o afasta do PCB, ou da militância de esquerda da época. Por que o editor decidiu, alguns anos depois, em plena Ditadura Militar, publicar *O Capital*, não conseguimos investigar.

A edição da Zahar é apresentada ao leitor no contexto do centenário de publicação do primeiro volume por Marx, no século XIX. A orelha do livro faz questão de ressaltar sua importância histórica e legitimidade científica, comparando *O Capital* à Bíblia ou à Evolução das Espécies, de Darwin. Essa tradução traz um conteúdo totalmente novo, em relação aos anteriores, pois não se trata de mais uma reedição de Cafiero ou Deville, mas sim de um resumo de Julien Borchardt²⁵, publicado pela primeira vez, em alemão, no ano de 1919²⁶. A versão de Borchardt apresenta, pela primeira vez em português, um resumo dos três volumes da obra, condensados em 27 capítulos.

Nessa época, a Zahar já havia se consagrado por atuar na área das ciências sociais, almejando atingir o público universitário que crescia no país²⁷. A famosa coleção Biblioteca de Ciências Sociais vai abrigar *O Capital*, na tradução de Ronaldo Alves Schimidt, colocando-o ao lado de outros clássicos da literatura marxista que marcaram época, tais como *A História da Riqueza do Homem*²⁸, de Leo Huberman.

Essa perspectiva de publicação científica e engajada atribuiu à Zahar um papel importante no mercado editorial dos anos 1950 e 1960, aproximando-a do público leitor especializado que se formava nas universidades, e colaborando para fomentar um ambiente

²⁵ Karl Marx e Friedrich Engels, *Das Kapital. Kritik der politischen Oekonomie. Gemeinverständliche Ausgabe, besorgt von Julian Borchardt*. Nezeitlicher Buchverlag, Berlin-Schöneberg 1919.

²⁶ Segundo a orelha do livro, a edição usada pela Zahar é de 1931.

²⁷ Paulo Roberto Pires. *A Marca do Z. A Vida e os Tempos de Jorge Zahar*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017. p. 92; p.145.

²⁸ Leo Huberman. *A História da Riqueza do Homem*. Rio de Janeiro, Zahar, 1962. O livro é citado como incitador de núcleos de estudantes de esquerda durante a ditadura. Ver: Paulo Roberto Pires, *op. cit.*

progressista de pensamento, calcado no marxismo. Jorge Zahar possuía contato e simpatia pelo PCB, contudo, sua política editorial não obedecia a uma linha partidária. Enquanto agente cultural e intelectual, o editor desenvolvia seus projetos repleto de convicções políticas, acompanhando o desenvolvimento das ciências sociais no país e um processo geral de assimilação do marxismo na academia ²⁹. Há um debate estabelecido sobre o sentido da apropriação acadêmica das obras de Marx e do marxismo em geral, que não nos cabe aqui³⁰, mas é importante considerar que nos anos 1960 havia uma forte presença da militância de esquerda nas universidades, então a edição de *O Capital* publicada pela Zahar atuava nesse meio militante e, ainda, poderia atingir indivíduos que buscassem apenas uma referência de formação crítica.

A publicação de um resumo de *O Capital* em seus três volumes parece também responder ao policentrismo³¹ que caracterizou a difusão do marxismo durante a Guerra Fria. No Brasil, essa conjuntura de circulação de ideias encontrava um público leitor mais consolidado e uma necessidade de ação repleta de polêmicas sobre o futuro do país e suas perspectivas revolucionárias. Um movimento de ida aos textos de Marx, o principal responsável pela gênese do comunismo, e da maior crítica ao sistema capitalista, a partir de edições mais próximas do original, era coerente com uma realidade na qual não se tem um único referencial de interpretação a ser seguido. Finalmente, o projeto de tradução da obra completa figurava como uma necessidade no ambiente intelectual e político, encontrando um grupo maior de leitores em potencial. Certamente, neste momento, os textos em alemão também estavam mais acessíveis.

A partir desse contexto, em 1968, a editora Civilização Brasileira, dirigida por Ênio Silveira se dedica à tradução e publicação dos primeiros dois volumes, componentes do livro I, de *O Capital* (figuras 13 e 14). A responsabilidade pela tradução, direto do alemão, ficou sob a responsabilidade do economista Reginaldo Sant'Anna e as orelhas foram apresentadas por Cid Silveira, intelectual e economista próximo ao PCB e membro do corpo editorial da Civilização³².

²⁹ Edgard Carone, *op. cit.*

³⁰ Sobre o tema ver: Lidiane Soares Rodrigues, *A produção social do marxismo universitário. Mestres, discípulos e 'Um Seminário' em São Paulo (1958-1978)*. São Paulo, USP, 2012; Bernardo Ricupero, Caio Prado Jr. e a nacionalização do marxismo no Brasil. São Paulo, USP, 1997; Lincoln Secco, *A Batalha dos Livros*, *op. cit.*

³¹ Período de difusão pós-II Guerra Mundial, caracterizado por Lincoln Secco, "Notas para a história editorial de *O Capital*", *op. cit.*

³² Rodrigo Czajka. "A Batalha das Ideias: Resistência Cultural e Mercado Editorial Brasileiro na década de 1960". In: SACRAMENTO, I. (org.). *Intelectuais Partidos. Os Comunistas e as Mídias no Brasil*. Riode

Naquele ano, mesmo antes da promulgação do Ato Institucional nº5, já havia um risco iminente para o editor que ousasse publicar obras marxistas, e Ênio tinha consciência das consequências desse tipo de projeto, pois era a base de sua linha editorial. Não à toa, o principal alvo de apreensões e censura no setor livreiro durante a ditadura foi a Civilização Brasileira³³. Estudos sobre o livro na Ditadura Militar³⁴ permitem afirmar que nenhuma publicação de Marx tenha entrado nas listas dos recolhidos ou proibidos pelo regime, enquanto Che Guevara ou Carlos Marighela foram alvos desse tipo de perseguição direta, e as *Obras Completas* de Lênin chegaram a ser recolhidas e queimadas. Esse fato não impedia que inquéritos e denúncias contra militantes incluíssem, como parte da acusação, o porte de livros marxistas, em geral, e de livros de Marx, inclusive, *O Capital*. Segundo Lincoln Secco:

Apesar de livros de Marx serem editados, não era uma boa ideia andar com eles ou folheá-lo publicamente numa livraria. Muitas obras tinham que ser pedidas a um livreiro conhecido, pois não estavam expostas nas bancadas ou estantes³⁵.

Desse modo, os agentes culturais do mercado do livro podem ser vistos como elos importantes na transmissão da teoria marxista e no processo de resistência político-intelectual. Deviam ser pessoas de confiança, com ousadia para manter um circuito de circulação oficial, e outro clandestino. Ênio Silveira certamente pode ser situado entre esses sujeitos políticos do setor livreiro e da vida cultural do país no período, ele foi preso mais de uma vez, sob diversas acusações, entre as quais, a publicação de livros subversivos, e a sua livraria foi vítima de um atentado em no mesmo ano do lançamento de sua edição d'*O Capital*.

Nos anos 1960, a editora Civilização Brasileira já estava muito bem sedimentada, o que certamente permitiu que pudesse se manter numa posição de enfrentamento aos governos militares. O público universitário também era um setor de mercado prioritário para suas publicações, um nicho no qual a editora era uma referência, ao lado da Zahar, um projeto do texto completo de Marx, que até então poderia ser muito ousado por sua complexidade, poderia encontrar seus leitores através dessa editora. Não podemos nos esquecer que a postura politizada de Ênio Silveira durante a Ditadura Militar acrescenta ao projeto um viés de resistência e de iniciativa para a projeção do pensamento crítico na

Janeiro, Faperj/E-papers, 2012. p. 212.; KAREPOVS, Daines, *Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Editora da Unesp, 2003. p. 138.

³³Sandra Reimão, *Repressão e Resistência, Censura de Livros na Ditadura Militar*. São Paulo, USP, 2011. p. 10.

³⁴ ibidem. O conjunto do trabalho de Sandra Reimão nos dá um panorama de outras pesquisas que se aprofundaram nas listas de livros apreendidos e censurados durante a Ditadura Militar.

³⁵ Lincoln Secco, *A Batalha dos Livros, op. cit.*, p. 134.

sociedade brasileira, como afirmamos a Civilização Brasileira tinha prestígio e reconhecimento nos meios intelectuais e na sociedade em geral.

A estratégia de propaganda da tão esperada obra adquire essa dimensão de vínculo com o legado de Marx, inserindo-se nas discussões políticas de época. O lançamento do livro é anunciado nos jornais, em meio a citações e homenagens, devido às comemorações dos 150 anos de seu nascimento: em O Jornal do Brasil, na edição de 14/09/1968 lê-se a manchete “O Marxismo de Cada Um”³⁶, reportagem que aborda as diferenças e semelhanças dos regimes comunistas na União Soviética, Coreia do Norte, China e Vietnã; o jornal Correio da Manhã em 07/05/1968 noticia os eventos comemorativos do aniversário de Marx na Alemanha, juntamente com a UNESCO (figura 15)³⁷. O nome de Karl Marx não era proibido, e o tom das homenagens ou polêmicas apresentadas nos noticiários insere-se no contexto da Guerra Fria, e da posição do bloco comunista no cenário mundial. De alguma forma, autor e obra não podiam ser negligenciados, na medida em que compunham um repertório mínimo para a compreensão daquela realidade.

Em consulta ao acervo da Hemeroteca Nacional, encontramos poucas chamadas com a propaganda do livro no ano de 1968, mas que não deixam de ser provocativas. A primeira delas, um anúncio feito pela própria editora, aparece no Jornal do Brasil, em 17/08/1968, com um tom provocativo quanto ao seu conteúdo: “Cem anos depois, este livro continua a inspirar os movimentos que pretendem transformar o mundo. O Capital.” (figura 16)³⁸. No mesmo periódico, encontramos outras duas pequenas chamadas, uma delas sob o título “Enfim, O Capital!”³⁹, destacando o aspecto positivo da edição por ser a primeira publicação completa no país. Em 23/09/1968, *O Capital* aparece entre os 08 livros mais vendidos do Rio de Janeiro em levantamento feito pela Tribuna da Imprensa⁴⁰; em 19/10/1968 o Jornal do Brasil o coloca entre os 05 mais vendidos em Belo Horizonte⁴¹.

Considerando o contexto repressor, no qual certamente havia um constrangimento para propagandear a obra, essas aparições em jornais apresentam indícios importantes de sua divulgação e recepção pelo público, inclusive fora do Rio de Janeiro, onde a Civilização Brasileira possuía sua sede. Além disso, duas resenhas são publicadas no Correio da Manhã: a primeira, feita por Francisco Antonio Dória, em 24/11/1968, intitula-

³⁶ Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/121627, acesso em 06/12/2018.

³⁷ Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/91742, acesso em 06/12/2018.

³⁸ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/120242; acesso em: 06/12/2018.

³⁹ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/121192; acesso em: 06/12/2018.

⁴⁰ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/36553; acesso em: 06/12/2018.

⁴¹ Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/030015_08/123571; acesso em: 06/12/2018.

se “O Sentido de O Capital”⁴² (figura 17) e ressalta a importância e genialidade da obra, elogiando a tradução, mas faz críticas contundentes à apresentação feita por Cid Silveira, apontando erros conceituais e as polêmicas decorrentes destes erros dentro do marxismo. O autor das orelhas do livro tem seu direito de resposta na edição de 03/12/1968, em uma nota com o título “Engano sólido”. A segunda resenha foi feita pelo jornalista e marxista Edmundo Moniz. Em “O Capital, na íntegra”⁴³ (figura 18), Moniz elogia a tradução de Sant’Anna e afirma que a publicação representava “um dos empreendimentos editoriais mais notáveis dos últimos anos”⁴⁴, devido à sua inexistência em língua portuguesa e à atualidade do pensamento de Marx. A resenha ainda se preocupa em apresentar o livro e discutir elementos básicos da formação do pensamento do filósofo alemão.

A Civilização Brasileira publica *O Capital* em uma coleção, chamada Perspectivas do Homem e abandona qualquer característica de livro popular, ou “de bolso”, embora sirva a um modelo de divulgação da ciência. Todos os volumes são apresentados dentro dos parâmetros estéticos renovadores que a Civilização Brasileira havia implementado no Brasil, desde que foi assumida por Ênio⁴⁵. A capa é feita por Marius Laritzen Bern⁴⁶, que substituiu Eugênio Hirsh grande capista da editora até 1965. As capas de Bern variavam muito de livro para livro⁴⁷, e no caso de *O Capital*, o artista utilizou um padrão tipográfico, no qual os nomes do autor e obra se equilibram em relação ao tamanho da fonte, mas se diferenciam em relação as cores, com destaque a Marx, em vermelho, segundo pudemos observar. Essa estratégia corrobora com a ideia de que a figura de Marx era um referencial importante para atrair o interesse do público.

Os livros II e III de *O Capital* serão publicados pela mesma editora, respectivamente, nos anos de 1970 e 1973. O segundo livro, em um volume, e o terceiro, em dois volumes, ambos traduzidos por Reginaldo Sant’Anna, seguindo a mesma estética do primeiro volume com capa de Marius Bern.

⁴² Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/97631; acesso em 06/12/2018.

⁴³ Edmundo Moniz. “O Capital na íntegra”. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/089842_07/97840; acesso em 06/12/2018.

⁴⁴ *ibidem*.

⁴⁵ Laurence Hallewell, *op. cit.* p. 598-599. Essa renovação diz respeito, sobretudo, às questões de publicidade e, em parte, do design do livro por seu contato com o mercado norteamericano. Algumas dessas ações chocaram o mercado brasileiro e diz-se que José Olympio acusava-o de vulgarizar o livro. Ver também: Carina da Rocha Naufel, *A Capa Convida. O Design Gráfico de Marius Lauritzen Bern para a Editora Civilização Brasileira*. Campinas, Unicamp, 2012. p. 10.

⁴⁶ Artista de origem húngara e dinamarquesa, nascido no Rio de Janeiro em 1930. Estudou na Escola de Belas Artes no ano de 1948; em 1950 mudou-se para o Recife onde atuou com a Sociedade de Arte Moderna do Recife, e foi um dos fundadores do Ateliê Coletivo. Citar a dissertação

⁴⁷ Carina da Rocha Naufel, *op. cit.* passim.

Segundo Laurence Hallewell, entre 1968 e 1981, a Civilização Brasileira publicou seis edições do livro e vendeu 28 mil exemplares. Em seguida, a Difusão Europeia do Livro, que comprou a Civilização, imprimiu outras 25 mil cópias, uma tiragem significativa nos marcos da Ditadura Militar e que atravessou as barreiras da censura, cruzou o oceano e chegou até Portugal, onde vendeu cerca 20 mil exemplares⁴⁸. Entender o papel desta edição frente a todas as publicações em língua portuguesa seria outro trabalho – de fôlego –, contudo à primeira vista, a Civilização Brasileira parece ter publicado a primeira tradução completa em língua portuguesa⁴⁹, animando corações, mentes e armas no processo da Revolução dos Cravos.

Durante quinze anos, a tradução de Reginaldo Santa'Anna circulou no mercado brasileiro sem concorrência. Um novo projeto da obra de Marx, também traduzida diretamente do alemão, seria realizada pela Abril Cultural, e publicada em 1983. O economista Paul Singer foi o responsável por coordenar esse trabalho que ficou reconhecido por uma significativa melhora do ponto de vista da assimilação dos conceitos econômicos e filosóficos vertidos do alemão, e alcançou um sucesso editorial incomparável, vendendo 60 mil exemplares em 01 mês⁵⁰.

O lançamento também acompanha uma data de celebração da memória de Marx, com o centenário de seu falecimento (1883-1983), mas isso não parece ter sido tão explorado no marketing da editora, pelo menos no que pudemos acompanhar nos jornais. A publicação, encadernada em capa dura (figura 19), apresenta um ar requintado de sobriedade, próprios a toda a coleção que pretendia colocar-se como veículo de difusão de autores clássicos da economia. A primeira grande manchete sobre o lançamento da obra, diz “O Capital que Marx Acumula”⁵¹, comentando o processo da nova tradução dentro dos projetos milionários da editora. Ao que é citado, a publicação de *O Capital* teria custado

⁴⁸ Números extraídos de Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 751.

⁴⁹ Além do ineditismo em língua portuguesa, a edição da Civilização Brasileira parece ter sido um marco no continente latino-americano. A primeira edição completa de *O Capital* (03 volumes) na América Latina será publicada no México pela Fondo de Cultura Económica, em 1946, tradução de Wenceslao Roces. Em 1956, a editora do Partido Comunista Argentino, Cartago SRL, decide fazer a primeira edição argentina, também dos três volumes, com base na edição mexicana. Somente na década de 1970, soube-se que a tradução de Roces fora realizada do russo e não do alemão, sendo assim, é no final desta década que aparecem as primeiras traduções do original alemão em língua espanhola com uma edição em Barcelona e outra no México. Sobre o tema ver a continuação do artigo já citado do historiador argentino TARCUS, H., “Traductores Y Editores De La “Biblia Del Proletariado, La suerte de El capital en el mundo hispano-americano (Segunda Parte)”, *Memória: Revista Crítica Militante*, número 263, Centro de Estudios del Movimiento Obrero y Socialista, Ciudad de Mexico, 2017. Disponível em: <http://revistamemoria.mx/wp-content/uploads/2017/10/Memoria-263-web.pdf>. Acesso 09/02/2019.

⁵⁰ Laurence Hallewell, *op. cit.*, p. 751.

⁵¹ José Neumane Pinto. “O Capital que Marx Acumula”. *Jornal do Brasil*, Rio de Janeiro, 20/08/1983. Disponível em http://memoria.bn.br/DocReader/030015_10/68089, acesso em: 27/03/2019.

Cr\$35 milhões, e toda a coleção de Os Economistas, com cerca de 60 títulos, estava estimada em Cr\$ 1bilhão. Os editores já se antecipavam ao sucesso esperado pela edição, pois os títulos já publicados de Marx vendiam, em média, 20% a mais que outros⁵².

Certamente, do ponto de vista social, o projeto encontrou um caldo cultural e político de renovação, embalado pela ascensão do movimento operário, pela reorganização política da esquerda e a perspectiva da redemocratização do país. Mas não estava totalmente apartado do movimento de recepção do marxismo na universidade, visto que Singer e outros membros do corpo editorial eram ativistas políticos e atuavam nessa instituição.

Do ponto de vista da economia do livro, aplicava-se uma lei de 1968 que previa a expansão dos espaços de vendas de livro no país, incluindo vários estabelecimentos, especialmente as bancas de jornal. Nesse contexto, a Abril parte para a criação de coleções de clássicos, como *Os Pensadores* e *Os Economistas*, na qual *O Capital* é publicado. Esse tipo de conjunto incentivava a aquisição contínua de obras de referência e foi beneficiado por uma imensa rede de bancas pertencentes ao grupo⁵³. Diante dos números apresentados anteriormente, podemos prontamente afirmar que a obra de Karl Marx em 1983 era um bom objeto de investimentos e seus livros atingiam um consumo de massa. Infelizmente, os limites desse artigo não colocam como propósito o aprofundamento nesse tema.

Acompanhando os momentos políticos e as possibilidades ofertadas pelo próprio mercado editorial brasileiro, *O Capital* se apresenta ao leitor brasileiro em diversas formas desde 1931 até os dias atuais, em que uma novíssima edição do primeiro livro acaba de ser publicada pela Editora Boitempo, no ano de 2017 (figura 20). Podemos dizer com segurança que o interesse pela sua leitura nos círculos intelectuais e políticos é enorme. Ainda são muitas, as dificuldades para sua compreensão e poucos leitores possuem repertório e disposição para empreender a leitura do conjunto de seus livros, mas referência de seus conceitos e de sua visão sobre o capitalismo está disseminada no repertório, ainda que inconsciente, da sociedade brasileira. Ela é seguramente importante, muitas vezes mal utilizada e outras vezes atacada pelo obscurantismo e ignorância, por isso, e apesar disso, o

⁵² *ibidem*.

⁵³ Sandra Reimão, *Mercado Editorial Brasileiro*. São Paulo, ComArte e FAPESP, 1996. p. 62-63. Uma notícia do Jornal do Brasil, datada de 19/03/1983 comenta o andamento das coleções citadas: Os Pensadores, que foi a primeira, atingiu um sucesso sem igual - Platão, primeiro volume da série vendeu 90 mil exemplares, e Voltaire vendeu 70 mil, esse se esgotou em 15 dias (disponível em: http://memoria.bn.br/docreader/DocReader.aspx?bib=030015_10&pagfis=59591).

esforço de elaboração e discussão de seus pressupostos históricos e políticos de transformação da humanidade estão na ordem do dia!

Figuras

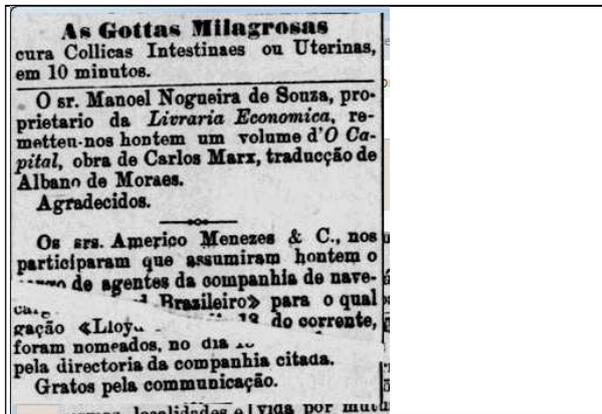


Figura 01- notícia em Jornal de Recife, 22/11/1912.

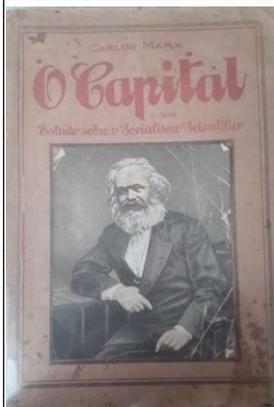


Figura 2 – Capa Editora Moderna Paulistana

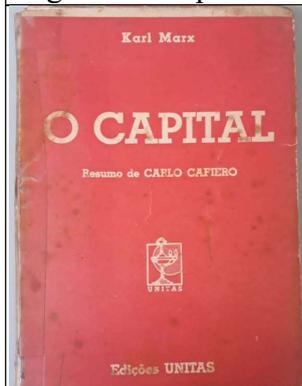


Figura 3 – Capa Editora Unitas

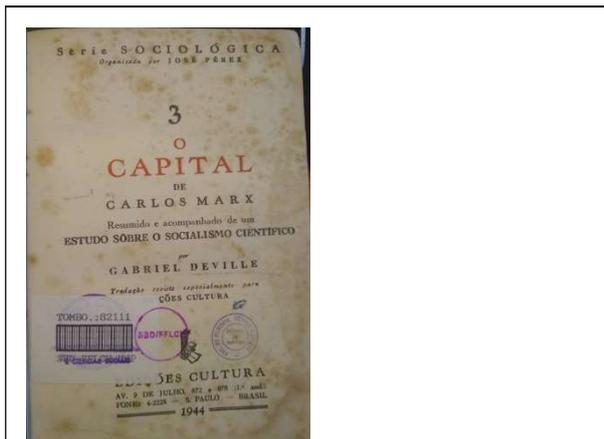


Figura 4 – Folha de rosto Edições Cultura

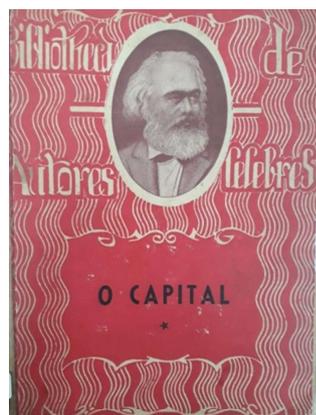


Figura 5 – Capa 1ª Edição das Edições e Publicações do Brasil

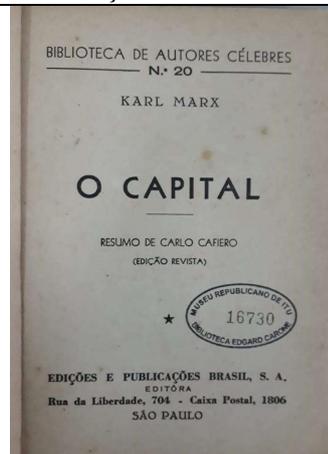


Figura 6 – Folha de rosto 1ª Edição das Edições e Publicações do Brasil

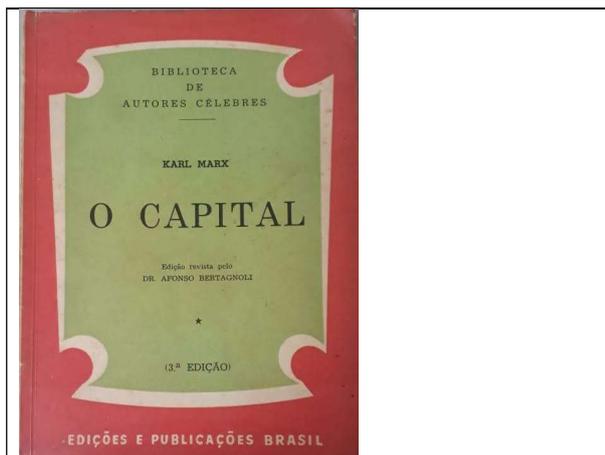


Figura 7 – Capa das Edições e Publicações do Brasil, a partir da 3ª Edição.

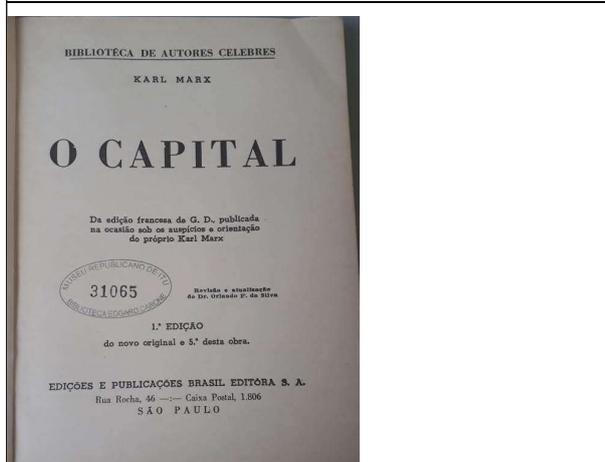


Figura 8 – Folha de Rosto da 5ª Edição das Edições e Publicações do Brasil

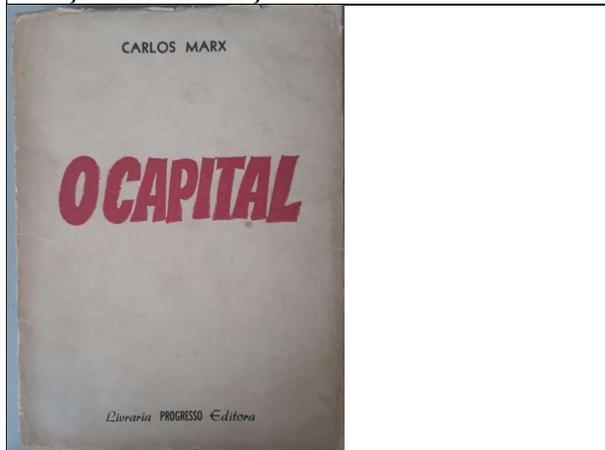


Figura 9 – Capa da Livraria Editora Progresso.

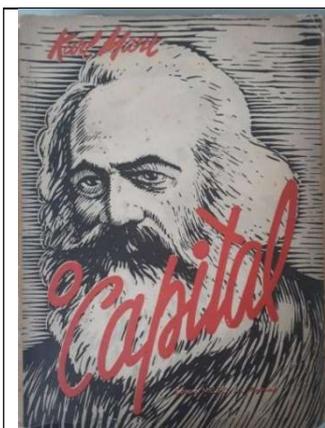


Figura 10 – Capa da Editora Melso

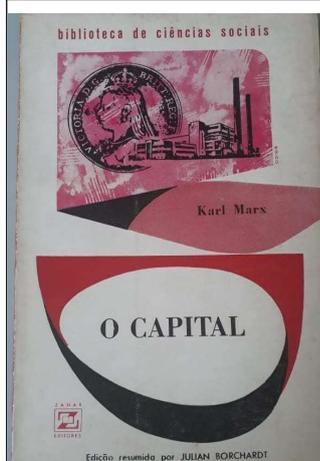


Figura 11 – Capa Zahar

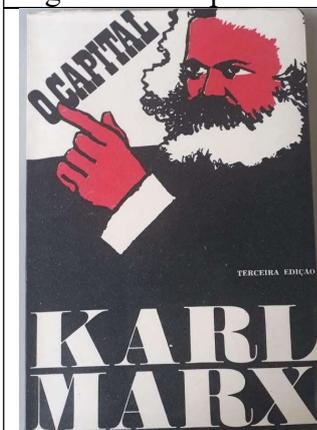


Figura 12 – Capa Bruno Buccini

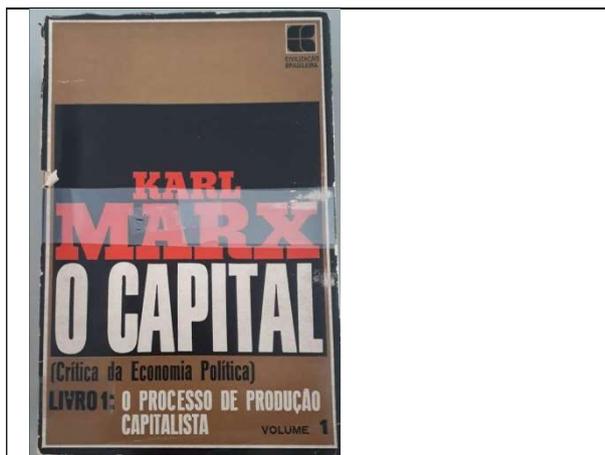


Figura 13 – Capa Civilização Brasileira, vol. 01

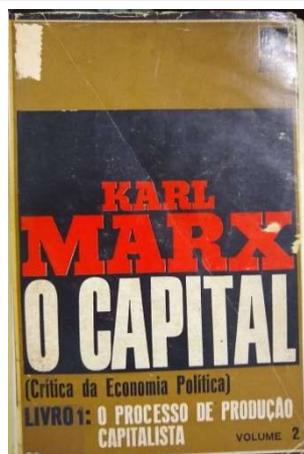


Figura 14 – Capa Civilização Brasileira, vol. II.



Figura 15 – Notícia de comemoração do centenário de Karl Marx.

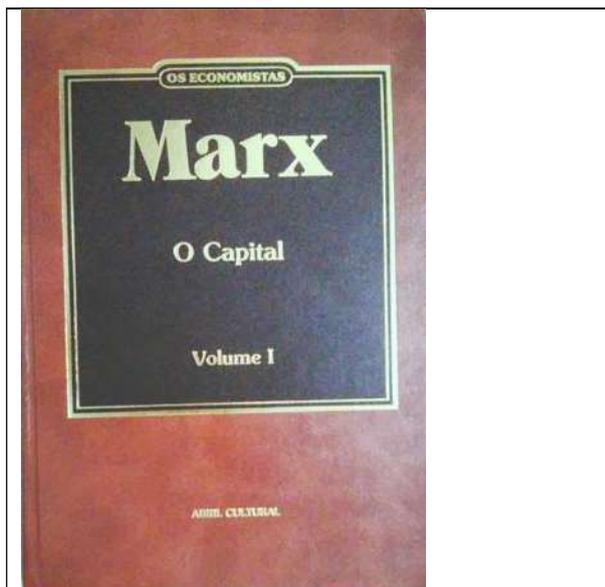


Figura 19 – Capa de O Capital, vol. 1, Tomo I, Abril Cultural 1983.

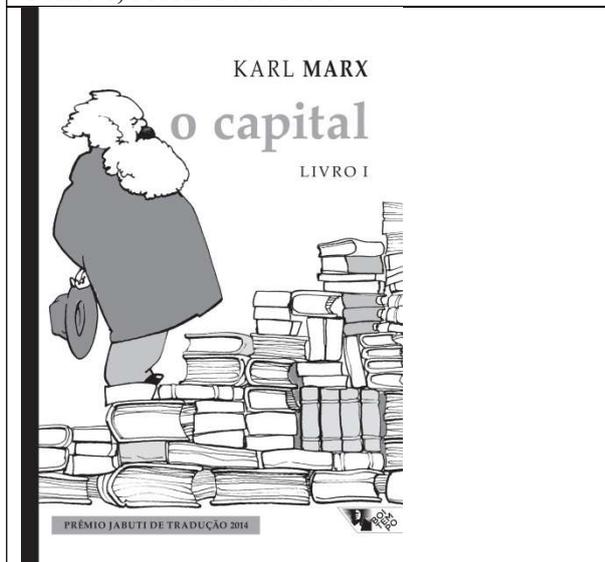


Figura 20 – Capa de O Capital, vol. 1, Editora Boitempo, 2017.

Bibliografia

- ANGELI, F. *Storia del Marxismo Italiano. Dalla Origene alla Grande Guerra*. Milão, s.d.
- BARROS, S.S. ET ALLI. 'Panorama da História da Editoração em Salvador/ Bahia'. In: *I Seminário Brasileiro sobre o Livro e História Editorial*. Rio de Janeiro, Casa de Rui Barbosa, 2004.
- CARONE, E. 'O Marxismo no Brasil, das origens a 1964'. In: DEAECTO, M. e SECCO, L. (org.) *Leituras Marxistas e Outros Estudos*. São Paulo, Xamã, 2004.
- CZAJKA, R. 'A Batalha das Ideias: Resistência Cultural e Mercado Editorial Brasileiro na década de 1960'. In: SACRAMENTO, I. (org.). *Intelectuais Partidos. Os Comunistas e as Mídias no Brasil*. Riode Janeiro, Faperj/E-papers, 2012.
- FERREIRA, J.P. *Editando o Editor. Ênio Silveira*. São Paulo, Edusp.
- HALLEWELL, L. *O Livro no Brasil, sua História*. São Paulo, Edusp, 2012.
- KAREPOVS, D. 'A Gráfico Editora Unitas e seu Projeto Editorial de Difusão do Marxismo no Brasil dos Anos 1930'. In: DEAECTO, M.M. e MOLLIER, J. Y. *Edição e Revolução. Leituras Comunistas no Brasil e na França*. p. 72.
- _____. *Luta subterrânea: o PCB em 1937-1938*. São Paulo, Editora da Unesp, 2003.
- NAUFEL, C. R., *A Capa Convida. O Design Gráfico de Marius Lauritzen Bern para a Editora Civilização Brasileira*. Campinas, Unicamp, 2012.
- PIRES, P. R. *A Marca do Z. A Vida e os Tempos de Jorge Zahar*. Rio de Janeiro, Zahar, 2017.
- REIMÃO, S. *Repressão e Resistência, Censura de Livros na Ditadura Militar*. São Paulo, USP, 2011.
- SECCO, L. *A Batalha dos Livros*. São Paulo, Ateliê Editorial, 2017, p. 99.
- _____. 'Notas para a história editorial de O Capital'. In: *Revista Novos Rumos*. Ano 17, edição nº 37. Marília, 2002. p. 43-62.